

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

9º ANO

2º BIMESTRE

AUTORIA
EUNICE CORREA VIEIRA

Rio de Janeiro

2013

TEXTO GERADOR I

Leia o texto a seguir e seja também essa “*máquina de raciocinar*”, que analisa as provas apresentadas para tentar decifrar um mistério. Descubra o que está causando o odor misterioso na sala de visitas. Seria o corpo de alguma vítima? Há um assassino entre os moradores de casa?

O GRANDE MISTÉRIO

Há dias já que buscavam uma explicação para os odores esquisitos que vinham da sala de visitas. Primeiro houve um erro de interpretação: o quase imperceptível cheiro foi tomado como sendo de camarão. No dia em que as pessoas da casa notaram que a sala fedia, havia um soufflé de camarão para o jantar. Daí...

Mas comeu-se o camarão, que inclusive foi elogiado pelas visitas, jogaram as sobras na lata do lixo e — coisa estranha — no dia seguinte a sala cheirava pior.

Talvez alguém não gostasse de camarão e, por cerimônia, embora isso não se use, jogasse a sua porção debaixo da mesa. Ventilada a hipótese, os empregados espiaram e encontraram apenas um pedaço de pão e uma boneca de perna quebrada, que Giselinha esquecera ali. E como ambos os achados eram inodoros, o mistério persistiu.

Os patrões chamaram a arrumadeira às falas. Que era um absurdo, que não podia continuar, que isso, que aquilo. Tachada de desleixada, a arrumadeira caprichou na limpeza. Varreu tudo, espanou, esfregou e... nada. Vinte e quatro horas depois, a coisa continuava. Se modificação houver, fora para um cheiro mais ativo.

À noite, quando o dono da casa chegou, passou uma espinafração geral e, vítima da leitura dos jornais, que folheara na lotação, chegou até a citar a Constituição na defesa de seus interesses.

— Se eu pago empregadas para lavar, passar, limpar, cozinhar, arrumar e ama-secar, tenho o direito de exigir alguma coisa. Não pretendo que a sala de visitas seja um jasmineiro, mas feder também não. Ou sai o cheiro ou saem os empregados.

Reunida na cozinha, a criadagem confabulava. Os debates eram apaixonados, mas num ponto todos concordavam: ninguém tinha culpa. A sala estava um brinco; dava até gosto ver. Mas ver, somente, porque o cheiro era de morte.

Então alguém propôs encerar. Quem sabe uma passada de cera no assoalho não iria melhorar a situação?

— Isso mesmo — aprovou a maioria, satisfeita por ter encontrado uma fórmula capaz de combater o mal que ameaçava seu salário.

Pela manhã, ainda ninguém se levantara, e já a copeira e o chofer enceravam sofregamente, a quatro mãos. Quando os patrões desceram para o café, o assoalho brilhava. O cheiro da cera predominava, mas o misterioso odor, que há dias intrigava a todos, persistia, a uma respirada mais forte.

Apenas uma questão de tempo. Com o passar das horas, o cheiro da cera — como era normal — diminuía, enquanto o outro, o misterioso — estranhamente, aumentava. Pouco a pouco reinaria novamente, para desespero geral de empregados e empregadores.

A patroa, enfim, contrariando os seus hábitos, tomou uma atitude: desceu do alto do seu grã-finismo com as armas de que dispunha, e com tal espírito de sacrifício que resolveu gastar os seus perfumes. Quando ela anunciou que derramaria perfume francês no tapete, a arrumadeira comentou com a copeira:

— Madame apelou para a ignorância.

E salpicada que foi, a sala recendeu. A sorte estava lançada. Madame esbanjou suas essências com uma altivez digna de uma rainha a caminho do cadafalso. Seria o prestígio e a experiência de Carven, Patou, Fath, Schiaparelli, Balenciaga, Piguét e outros menores, contra a ignóbil catíngia.

Na hora do jantar a alegria era geral. Nas restavam dúvidas de que o cheiro enjoativo daquele coquetel de perfumes era impróprio para uma sala de visitas, mas ninguém poderia deixar de concordar que aquele era preferível ao outro, finalmente vencido.

Mas eis que o patrão, a horas mortas, acordou com sede. Levantou-se cauteloso, para não acordar ninguém, e desceu as escadas, rumo à geladeira. Ia ainda a meio caminho quando sentiu que o exército de perfumistas franceses fora derrotado. O barulho que fez daria para acordar um quarteirão, quanto mais os da casa, os pobres moradores daquela casa, despertados violentamente, e que precisavam perguntar nada para perceberem o que se passava. Bastou respirar.

Hoje pela manhã, finalmente, após buscas desesperadas, uma das empregadas localizou o cheiro. Estava dentro de uma jarra, uma bela jarra, orgulho da família, pois tratava-se de peça raríssima, da dinastia Ming.

Apertada pelo interrogatório paterno Giselinha confessou-se culpada e, na inocência dos seus 3 anos, prometeu não fazer mais.

Não fazer mais na jarra, é lógico.

(PONTE PRETA, Stanislaw. O grande mistério. In: Rosamundo e os outros. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963. P.76.)

VOCABULÁRIO

Inodoros – sem cheiro.

Desleixada – relaxada, descuidada, negligente.

Espinafração – repreensão, chamamento de atenção.

Ama-secar – cuidar de crianças, termo derivado de ama-seca, babá.

Jasmineiro – canteiro ou plantação de jasmim.

Confabulava – trocava ideias, conversava.

Sofregamente – intensamente, rapidamente, apressadamente.

Cadafalso – forca, tablado onde se executam condenados.

Ignóbil – baixo, desprezível.

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 1

Nesse conto, quem são e como são caracterizados os **personagens**?

Habilidade trabalhada

Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.

Resposta Comentada

Os são os patrões e os empregados (arrumadeira, copeira, chofer), e a criança (Giselinha). Os personagens não recebem caracterização definida, inclusive nem têm nome, à exceção de Giselinha, responsável por toda a ação. O professor poderá perguntar aos alunos o motivo pelo qual apenas Giselinha teria sido nomeada, os discentes certamente chegarão a conclusão da importância da personagem no conto.

QUESTÃO 2

Em que espaço se passa a história?

Habilidade trabalhada

Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.

Resposta Comentada

Toda a história se passa na sala de visitas da casa da família. Como o conto é uma narrativa curta, pode-se usar apenas um espaço para contar a história.

QUESTÃO 3

No **desfecho** do conto, há a resolução do mistério?

Habilidade trabalhada

Identificar os elementos do enredo: apresentação, complicação, clímax e desfecho.

Resposta Comentada

O desfecho desse conto é muito claro, o mistério é resolvido, apesar de não se ter certeza do que Giselinha teria feito no vaso chinês, o leitor é induzido a acreditar que ela o usou como vaso sanitário.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 4

Na construção de uma narrativa, os fatos giram em torno de personagens e são conduzidos por um narrador – que pode ser personagem da história ou não. A forma como esse narrador apresenta as informações varia conforme a intencionalidade empreendida. A apresentação das falas, por exemplo, pode se dar de maneira direta – em que as personagens falam por si mesmas – ou indireta – em que o narrador se apropria da fala dessas personagens.

- Destaque do texto lido um exemplo de discurso direto.

Habilidade trabalhada

Identificar o uso dos discursos direto e indireto.

Resposta comentada

Como resposta à questão anterior, podemos destacar as seguintes falas:

— *Se eu pago empregadas para lavar, passar, limpar, cozinhar, arrumar e ama-secar, tenho o direito de exigir alguma coisa. Não pretendo que a sala de visitas seja um jasmineiro, mas feder também não. Ou sai o cheiro ou saem os empregados.*

— *Isso mesmo...*

— *Madame apelou para a ignorância.*

Quando trabalhar com seu aluno a resposta desta questão, é relevante comentar que, no plano formal, um enunciado em discurso direto é marcado pela presença dos chamados verbos *dicendi* (de dizer). Na falta deles, cabe ao contexto e a recursos gráficos a função de indicar as falas. Assim, a representação das falas de uma personagem pode ser feita tanto por aspas como por travessões. Nesse conto, elas aparecem introduzidas pelo travessão.

QUESTÃO 5

As figuras de linguagem referem-se à significação das palavras, que podem se distanciar de sua significação convencional. Utilizamos esses recursos para realçar o que queremos dizer ou mesmo para que nosso interlocutor tenha uma ideia mais clara daquilo que queremos comunicar. Uma dessas figuras é chamada de **metáfora**, que ocorre quando comparamos implicitamente um termo a outro.

Leia um exemplo de metáfora na passagem abaixo e explique o que essa expressão significa.

“A sala estava um brinco; dava até gosto ver.”

Habilidade trabalhada

Identificar a presença de figuras de palavra, pensamento e de sintaxe nos gêneros estudados.

Resposta comentada

Essa questão envolve o assunto “*figuras de linguagem*”, por isso é importante retomar com o aluno a ideia de discurso figurado, as diferenças existentes entre conotação e denotação. Neste contexto, é importante levar a turma a perceber que a construção de uma metáfora se dá por meio de uma similaridade existente entre dois termos. A expressão acima quer dizer que a sala estava bem arrumada, toda limpinha, impecável.

TEXTO GERADOR II

LUZ DE LANTERNA, SOPRO DE VENTO

Tendo o marido partido para a guerra, na primeira noite da sua ausência a mulher acendeu uma lanterna e pendurou-a do lado de fora da casa. “Para trazê-lo de volta,” murmurou. E foi dormir.

Mas, ao abrir a porta na manhã seguinte, deparou-se com a lanterna apagada. “Foi o vento da madrugada,” pensou olhando para o alto como se pudesse vê-lo soprar.

À noite, antes de deitar, novamente acendeu a lanterna que, a distância deveria indicar ao seu homem o caminho de casa.

Ventou de madrugada. Mas era tão tarde e ela estava tão cansada que nada ouviu, nem o farfalhar das árvores, nem o gemido das frestas, nem o ranger das argolas da lanterna. E de manhã surpreendeu-se ao encontrar a luz apagada.

Naquela noite, antes de acender a lanterna, demorou-se estudando o céu límpido, as claras estrelas. “Na certa não ventará,” disse em voz alta, quase dando uma ordem. E encostou a chama do fósforo no pavio.

Se ventou ou não, ela não saberia dizer. Mas antes que o dia raiasse não havia mais nenhuma luz, a casa desaparecia nas trevas.

Assim foi durante muitos e muitos dias, a mulher sem nunca desistir acendendo a lanterna que o vento, com igual constância apagava.

Talvez meses tivessem passado quando num entardecer, ao acender a lanterna, a mulher viu ao longe recortada contra a luz que lanhava em sangue o horizonte, a silhueta escura de um homem a cavalo. Um homem a cavalo que galopava na sua direção.

Aos poucos, apertando os olhos para ver melhor, distinguiu a lança erguida ao lado da sela, os duros contornos da couraça. Era um soldado que vinha. Seu coração hesitou entre o medo e a esperança. O fôlego se reteve por instantes entre lábios abertos. E já podia ouvir os cascos batendo sobre a terra, quando começou a sorrir. Era seu marido que vinha.

Apeou o marido. Mas só com um braço rodeou-lhe os ombros. A outra mão pousou na empunhadura da espada. Nem fez menção de encaminhar-se para a casa.

Que não se iludisse. A guerra não havia acabado. Sequer havia acabado a batalha que deixara pela manhã. Coberto de poeira e sangue, ainda assim não havia vindo para ficar. “Vim porque a luz que você acende à noite não me deixa dormir,” disse-lhe quase ríspido. “Brilha por trás das minhas pálpebras fechadas, como se me chamasse. “Só de madrugada depois que o vento sopra posso adormecer.”

A mulher nada disse. Nada pediu. Encostou a mão no peito do marido, mas o coração dele parecia distante, protegido pelo couro da couraça. “Deixe-me fazer o que tem de ser feito, mulher,” disse sem beijá-la. De um sopro apagou a lanterna. Montou a cavalo, partiu. Adensavam-se as sombras, e ela não pode sequer vê-lo afastar-se contra o céu.

A partir daquela noite, a mulher não acendeu mais nenhuma luz. Nem mesmo a vela dentro de casa, não fosse a chama acender-se por trás das pálpebras do marido.

No escuro, as noites se consumiam rápidas. E com elas carregavam os dias, que a mulher nem contava. Sem saber ao certo quanto tempo havia passado, ela sabia porém que era tanto.

E, passado, num final de tarde em que a soleira da porta despedia-se da última luz no horizonte, viu desenhar-se lá longe a silhueta de um homem. Um homem à pé que caminhava

na sua direção. Protegeu os olhos com a mão para ver melhor e aos poucos, porque o homem avançava devagar, começou a distinguir a cabeça baixa, o contorno dos ombros cansados. Contorno doce, sem couraça, retendo o sorriso nos lábios — tantos homens haviam passado sem que nenhum fosse o que ela esperava. Ainda não podia ver-lhe o rosto, oculto entre a barba e o chapéu, quando deu o primeiro passo e correu ao seu encontro, liberando o coração. Era seu marido que voltava da guerra.

Não precisou perguntar-lhe se havia vindo para ficar. Caminharam até a casa. Já iam entrar. Quando ele se reteve. Sem pressa voltou-se, e, embora a noite ainda não tivesse chegado, acendeu a lanterna. Só entrou com a mulher. E fechou a porta.

(Marina Colasanti. Um espinho de marfim e outras histórias. Porto Alegre: L&PM, 1999. P.165-8)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de; MARUXO JR., José Hamilton. **Linguagem e Interação**. São Paulo: Ática, 2011.

PACHECO, Enilda. **Mundo da Língua Portuguesa**. Curitiba. Editora Positivo, 2012.